

Guerra às Drogas e Dependência Química?

Paulo Silveira

Observatório das Adições Bruce K. Alexander

www.observatoriodasadicoes.com.br

Final dos anos 1960, início dos anos 1970, período em que se inicia uma revolução da cultura intensa, dos hábitos e costumes da sociedade burguesa, capitalista, ocidental, patriarcal que imperava até ali.

Seus líderes são jovens com seus cabelos “longos”, com calças largas e desbotadas, tocando rock em suas guitarras elétricas e frenéticas, utilizando gírias e gestos para se comunicarem, se amando pelas esquinas tendo como ídolos os Beatles, Rolling Stones, Led Zeppelin, Pink Floyd entre inúmeros outros grupos de rock e, no Brasil, a nossa “bossa nova” com suas músicas que falavam de amor, mas também protestavam contra tudo que estava posto até ali.

Com eles, os novos tempos, tempos de eventos grandiosos como maio de 1968, quando jovens iniciam em Paris uma série de greves e protestos exigindo “paz e amor”, apontando para um futuro bastante distinto de um passado de guerras, bombas atômicas, regimes nazistas, fascistas, racistas, belicistas etc onde, como diz nosso poeta Caetano Veloso, “*Narcíseo acha feio o que não é espelho*”.



No Brasil, em plena ditadura militar, a “passeata dos 100 mil” arrasta para as ruas da cidade do Rio de Janeiro 100 mil cidadãos (a imensa maioria de jovens estudantes, mas também artistas, intelectuais) que ambicionavam um convívio social fraterno, solidário, com a sociedade tendo como valor maior a cumplicidade, o acolhimento das diferenças como um fator enriquecedor onde todos e todas pudessem conviver em paz e amor.



3 anos depois, surge *Woodstock*, um festival de música aparentemente desprezível, organizado por um pequeno grupo de jovens, que, surpreendentemente, reúne 500 mil pessoas,

durante 3 dias seguidos, em uma fazenda nos USA, quando, para desespero de alguns, imperou paz, amor e rock and roll <https://www.youtube.com/watch?v=ll-wxfVl1Fg> .

A foto a seguir, tirada durante o próprio evento, se torna emblemática, circulando por todo o mundo, uma vez que retrata fielmente o espírito do festival, mas também o desejo de toda aquela juventude que ambicionava por novos padrões de relacionamento.



Rapidamente “Paz e Amor” torna-se o lema central de toda uma geração, expressado pelo símbolo



que os adeptos ao movimento usavam pendurados em seus pescoços em cordões de couro, tendo como gesto definidor na comunicação entre eles



A ambição era simples: usufruir de uma vida simples, regida pela solidariedade entre todos, muita paz, muito amor, “sexo, drogas & rock and roll”!

Até então tudo parecia correr muito bem, no entanto é a cultura da violência, sustentada pelos conservadores, que era considerada a grande heroína de toda a humanidade uma vez que havia nos salvado do nazismo / fascismo.

Nessa mesma época, o regime comunista se espalhava pelo mundo, estendendo seus tentáculos por toda a Europa Oriental, além da América Central, com a vitória em Cuba, e ameaçava a América

do Sul com seu símbolo maior, Ernesto Che Guevara, traduzindo o espírito revolucionário em frases como:



Para agravar a situação, os USA sofreram uma sequência de derrotas nas guerras travadas na Ásia para regimes comunistas totalitários.

Primeiro foi na Coreia, depois no Camboja e, por último, a mais vergonhosa, no Vietnã!



A sociedade capitalista, burguesa, autocentrada, narcísica, egoísta corria sérios riscos, e o único “argumento” conhecido pelos que se mantinham no poder até ali, a violência desmedida, não se justificava contra uma “revolução” que buscava a paz, o amor, a solidariedade, ...

Era preciso encontrar alguma justificativa para que os “dono do poder” pudessem continuar matando, roubando, espoliando, torturando, aprisionando a todos que agissem contra seus interesses.

Ignorando a experiência vivida pelos próprios norte-americanos quando da implantação da lei seca que proibia a produção e consumo de bebidas alcoólicas, a qual vigorou durante os anos de 1920 a 1933, e que só contribuiu para o aumento do consumo e da criminalidade nos USA, em 1971, o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, lança a “Guerra às Drogas”, tendo como única justificativa que uma meia dúzia de substâncias psicoativas, as quais ganham o nome oficial de “drogas”, tinham o poder de viciar seus usuários desde a primeira vez que fossem utilizadas, de tal maneira que seus usuários seriam capazes de fazer qualquer coisa para obtê-las.

Essa afirmação era comprovada através de experiências feitas com camundongos presos em gaiolas, as gaiolas de Skinner, onde lhes era oferecidas comida, água e alguma droga, preferencialmente heroína, sendo que os camundongos optavam por consumir a droga até a morte.

Como o comportamento dos usuários de drogas, aparentemente, apresentavam semelhança aos dos ratos, (alguns usuários não conseguem interromper o uso de tais substâncias mesmo que submetido a tratamentos em espaços “especializados”), era (e continua sendo) fácil convencer a todos que as substâncias viciam seus usuários, até porque “ciência” passou a afirmar a mesma coisa.

Paralelamente a tudo isso, um grupo de 26 jovens cientistas canadenses, liderados por um recém-formado psicólogo chamado Bruce K. Alexander, resolvem aprofundar seus estudos a respeito da vinculação entre os usuários e as substâncias psicoativas.

Levando em consideração que tudo que sabíamos a esse respeito era através de experiências feitas com camundongos isolados em gaiolas, onde lhes era oferecida substâncias psicoativas, comida e água e os camundongos consumiam somente a droga oferecida até a morte!

Eles então resolveram inovar e, com a permissão da Universidade Simon Fraser, do Canadá, construíram um ambiente de 20 m², amistoso aos camundongos onde colocam 16 desses animais, com idades diversas e de ambos os sexos. Nessa mesma sala, eles mantêm outros 16 camundongos da mesma raça e com as mesmas características (fotos originais a seguir) isolados em gaiolas de skinner.



Essa experiência é mundialmente conhecida como “O Parque dos Ratos” (em inglês Rat Park)¹.

Durante 6 meses eles fazem diversas experiências com os camundongos e ao final eles constataam que o isolamento social é um dos principais fatores indutores do uso abusivo de substâncias psicoativas².

Em 1975, acaba a guerra do Vietnã e com isso as autoridades norte americanas entram em pânico, uma vez que as forças armadas norte americanas eram coniventes com o uso de heroína por seus combatentes e com o fim da guerra, estimava-se que 300 mil usuários de heroína retornariam para os USA, sendo que o sistema de saúde norte americano não teria como atendê-los (até por não saber o que fazer). Com chegada desses ex-combatentes norte-americanos usuários de heroína, a tendência era que o consumo de heroína crescesse muito nos USA e, com isso, a criminalidade, sendo que esses usuários eram heróis de guerra e a prisão deles se tornaria um escândalo inimaginável.

Mas, como a história demonstra, nada disso ocorreu, e a vida seguiu seu curso normalmente...

Intrigados, o Governo dos USA resolve fazer uma pesquisa para saber o que estava ocorrendo e contacta 100.000 ex-combatentes que tinham se declarados usuários de heroína ainda no Vietnã. Assim, é feito contato com cada uma deles e descobrem que 87,3% havia abandonado a heroína assim que chegaram em “casa”, e desses 12,7% restantes aproximadamente 4% não havia interrompido o uso de heroína, sendo que os 8,7% restante havia precisado de ajuda de profissionais para abandonar o uso da heroína.

¹ De acordo com o próprio Bruce o material relatado nesse documento está bastante próximo do que ocorreu <https://www.stuartmcmillen.com/pt/comic/ratolandia/>

² Ver artigo do próprio Bruce no livro “Criminalização ou acolhimento”, em <https://www.observatoriodasadoes.com.br/publicacoes/>

Infelizmente, para toda a humanidade, a ONU proíbe a divulgação de toda e qualquer informação contrária a “guerra às drogas”, e com isso tanto as informações referentes ao Parque dos Ratos quanto ao uso de heroína pelos combatentes norte-americanos são colocadas sobre sigilo.

O parque dos ratos somente ganha repercussão internacional recentemente devido à internet, que permite a todos nós trocarmos informações e há alguns pesquisadores e cientistas que cada vez mais comprovam sua legitimidade seja na prática do seu dia a dia ou em experiências complementares como acontece com Karl Hart e relatado em seu livro “Um Preço muito Alto”.

Repetindo modelo da 2ª Guerra Mundial, quando os USA ficaram como os grandes responsáveis pela derrota do nazismo e passaram a ter as forças armadas mais bem equipadas do planeta, eles se autointitularam como os defensores da sociedade ameaçada pelas drogas, o que significava dizer que os USA se permitiriam empregar todos os meios necessários para eliminar o perigo das drogas em qualquer lugar do mundo.

Lógico que ninguém jamais comentou que essas “drogas” eram consumidas já há milênios e faziam parte da cultura de regiões de interesses estratégicos para os USA, como os países da América Latina (a cocaína e maconha, principalmente) e da Ásia Oriental (heroína e opel).